

A Antropologia Haitiana e a Questão Racial no Século XIX

The Haitian Anthropology and the Race Question in the Nineteenth Century

Frantz Rousseau Déus¹ 

Resumo

Ao olhar pela questão racial, o presente artigo apresenta considerações sobre a Antropologia haitiana do século XIX, centrando em duas obras produzidas no final do mesmo século, *Da Igualdade das Raças Humanas: antropologia positiva* de Firmin (1885) e *Da Reabilitação da Raça Negra pela República do Haiti* de Price (1898). Ambos os autores não apenas denunciaram violências, discriminações sofridas pela “raça” negra, mas também denunciaram o racismo científico europeu, lutando para (re)construir uma imagem positiva das pessoas negras. Analisando essas obras, compreendo que esses autores tiveram influências sobre pensadores afro-americanistas. Também explícito que seus trabalhos objetivaram promover uma nova concepção de Antropologia e de seres humanos. Ao cotejar essas duas obras, apreendo que a antropologia haitiana, ao longo do século XIX, permaneceu uma antropologia contra-hegemônica.

Palavras-chave: Antropologia haitiana. Raça negra. Anténor Firmin. Hannibal price.

Abstract

When looking at the racial issue, this article presents considerations about 19th century Haitian Anthropology, focusing on two works produced at the end of the same century, *On the Equality of Human Races: positive anthropology* by Firmin (1885) and *On the Rehabilitation of the Black Race by Price Republic of Haiti* (1898). Both authors not only denounced violence, discrimination suffered by the black “race”, but also denounced European scientific racism, struggling to (re) build a positive image of black people. Analyzing these works, I understand that these authors had influences on African American thinkers. I also make it clear that his works aimed to promote a new conception of Anthropology and human beings. When comparing these two works, I understand that Haitian anthropology, throughout the 19th century, remained a counter-hegemonic anthropology.

Keywords: Haitian anthropology. Black race. Anténor Firmin. Hannibal price.

¹ Doutorando em Sociologia junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (PPGS-IFCH/UNICAMP, Campinas, SP, Brasil). Esta pesquisa é financiada pelo CNPq. E-mail: frantzrousseau@yahoofr.fr. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3073-3796>.

Contextualização do Pensamento Antropológico Haitiano do Século XIX

A antropologia haitiana surgiu com a efervescência do debate sobre classificação de espécies iniciado por naturalistas e médicos no século XIX, ganhando forças com a escola monogenista e a escola poligenista em meados desse mesmo século na Europa, particularmente na França com a criação da *Société d'Anthropologie Paris* (SAP) pelo médico, cirurgião, antropólogo Pierre Paul Broca, em 1859. De um lado, os monogenistas defendiam a ideia de que existe apenas uma raça humana, sustentando assim que grupos secundários do gênero humano não eram raças, mas apenas variedades. De outro lado, os poligenistas² defendiam a existência de várias raças humanas diferentes. Diferenças essas são explicadas biologicamente (WARTELLE, 2004, p. 127).

O fundador da SAP demonstrou-se de acordo com a concepção da escola poligenista, fundamentando o seu pensamento sobre a distinção e hierarquização das raças. Segundo Wartelle (2004), o desafio do confronto entre monogenismo e poligenismo foi muito evidente a respeito da desigualdade racial. Muitos naturalistas da SAP não somente acreditavam na existência de raça superior, mas também no suposto fato de que a mestiçagem foi a fonte da degeneração das raças humanas.

*Essai sur l'inégalité des races humaines*³, publicada em 1855, por Arthur de Gobineau, apresenta uma classificação de três raças, das quais uma superior (branca) e duas inferiores (amarela e negra), é uma das obras fundantes dessa concepção. Foi em meio a esse debate que o antropólogo haitiano Anténor Firmin⁴ chegou à França como emissário do Haiti (1884-1888) e começou a se debruçar sobre obras produzidas por filósofos, historiadores, naturalistas, poligenistas e monogenistas, e percebeu as representações que eram feitas das pessoas negras, conseqüentemente a necessidade de se posicionar cientificamente nesse debate (FLUEHR-LOBBAN, 2005).

Devemos sublinhar que a concepção de que existiam raças superiores e inferiores, assim como ideia de que a mestiçagem era um fator de degeneração eram hegemônicas naquela época. Isso acabou por impactar significativamente a interpretação das nações (antigas colônias escravocratas) em maior ou menor grau. A recepção desta ideia nunca foi unilateral, uma vez que⁵ havia tanto intelectuais que aderiram a ela como havia aqueles que a questionaram.

² *Polygénisme* foi inaugurado por John Atkins (1685-1757) e se desenvolveu na França, no século XIX, com Jean-Baptiste Bory de Saint-Vincent, Louis-Antoine Desmoulins e Georges Pouchet.

³ Uma edição parcial desta obra foi publicada em 1853 e no ano 1855 foi publicada uma edição completa dela.

⁴ *Homme politique*, intelectual, jornalista, advogado, um defensor fervoroso da igualdade racial, Joseph Anténor Firmin nasceu em uma família modesta no Cabo Haitiano em 1850 e faleceu em 1911. Ele realizou seus estudos primários e secundários na sua cidade natal e começou a lecionar aos 17 anos. Segundo Price-Mars, Firmin foi um educador engajado. Apaixonado pela política, criou uma revista na sua cidade natal, intitulada *Le Messager*. Em 1867, se candidatou para deputado, não foi eleito. Faz-se necessário frisar que Firmin era um homem que se engajou social, política, intelectualmente. Ele foi um homem de ação, além da política nacional, ele colaborou com muitos líderes independentistas como Ramón Emeterio Betances, líder porto-riquenho, e José Martí, pai da independência cubana. Entre 1892 e 1895, José Martí realizou mais de três viagens no Cabo Haitiano em busca de apoio pela luta que levava para independência de Cuba (EYMA JUNIOR, 2011, p. 26-27). Exilado por volta de 1883, foi ao São Tomé, depois à França, onde encontrou o intelectual haitiano Louis Joseph Janvier e se tornou membro da *Société d'Anthropologie* de Paris em 1884. Esse momento foi um dos momentos decisivos na vida de Firmin, pois foi esse contato com a concepção predominante sobre a temática de raça. Em consonância, publicou em 1885, a obra *Da igualdade das raças humanas: Antropologia positiva (De l'Égalité des races Humaines: Anthropologie Positive)*.

⁵ Por exemplo, na literatura antropológica brasileira, destacamos autores como o médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues (1886) que usou a nomenclatura europeia quase sem alteração para interpretar o povo brasileiro. Uma de suas obras que evidencia essa questão é "As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil". Outro autor com um olhar pessimista que analisou essa questão no Brasil é Paulo

A antropologia firminiana nasceu com o intuito de compreender os discursos produzidos para hierarquizar os seres humanos. E, uma vez compreendidos, Firmin (1885) chama atenção para a inconsistência lógica e histórica dos argumentos mobilizados para defender a desigualdade das raças, ao mesmo tempo, faz uma severa crítica às metodologias usadas pelos defensores da desigualdade inata das raças. Em decorrência a isso, Firmin passou a fazer da igualdade sua categoria chave para (re)pensar as relações humanas no seu tempo. Segundo Charles (2011, p. 64-65) nas obras de Anténor Firmin, o conceito igualdade responde três grandes preocupações, uma preocupação científica; uma preocupação política e uma preocupação humanista. Anténor Firmin acredita no convívio, na paz e na harmonia entre as raças como fundamento para um mundo melhor.

Pouco tempo depois de chegar à França em 1884, Anténor Firmin se tornou membro da *Société d'Anthropologie de Paris*. Questionando a sua presença nessa instituição prestigiosa, ele se pergunta: “poder-me-ia abstrair da categoria de meus congêneres como uma exceção dentre outras exceções?” Respondendo negativamente à sua pergunta, salientando que “não há diferença entre os negros africanos e negros nas Antilhas” (FIRMIN, 1885, p. XII, tradução nossa). Ele continua manifestando a sua perplexidade, apontando que: “meu espírito sempre está chocado, vendo afirmar dogmaticamente a desigualdade das raças humanas e a inferioridade nativa da negra” (Idem: VII-IX, tradução nossa).

Firmin criticou a posição dos naturalistas, antropólogos e poligenistas que defenderam a existência de uma desigualdade inata entre as raças. Entendendo o fundamento desse discurso dominante da sua época, chegou à publicação, em 1885 - no mesmo período em que as potências colonialistas europeias se lançaram na luta para partilhar a África - a obra *Da igualdade das Raças Humanas: antropologia positiva* (*De L'Égalité des races humaines: anthropologie positive*). Nesta obra, ele desconstrói não somente a tese da desigualdade racial que predominava na antropologia europeia, mas também o fundamento teórico que sustenta a dominação colonial (ALEXIS, 2011, p. 18). Segundo Watson Denis, após uma análise rigorosa das teorias poligenista e monogenista, Anténor Firmin refutou os argumentos defendidos por seus expoentes a respeito das diferenças raciais. Baseando em geologia, paleontologia e meio ambiente, Firmin elegeu como hipótese unidade constitucional (*unité constitutionnelle*) das raças, focando sobre as condições ambientais para explicar as diferenças entre os grupos humanos (DENIS, 2011, p. 80).

Sendo haitiano, cidadão de um país cujos habitantes são negros e que conquistaram sua independência em 1804 por meio de uma revolução, Firmin tinha orgulho de sua cor e não se considerava um homem inferior como pretendia a antropologia europeia. Pois, a conquista da liberdade de uma forma inédita⁶ por meio de lutas iniciadas nos anos 1791 contradiz toda literatura racista e discriminatória existentes sobre pessoas negras até então. Embora essa revolução já tenha completado mais de 80 anos quando a obra de Anténor Firmin foi publicada, é perceptível que ela continuava

Prado(1997) na obra “Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira”. De outro, destacamos autores brasileiros com um olhar mais positivo em relação ao assunto racial e à mestiçagem no Brasil, falamos aqui, por exemplo, de Gilberto Freyre, em sua obra “Casa Grande & Senzala” (1933); Sérgio Buarque de Holanda, na obra “Raízes do Brasil” (1936), e outros.

⁶ Como amplamente discutido por C. L. R. James em *Jacobinos Negros, a Revolução Haitiana é evento singular na história mundial*, pois ela é a única revolução de escravizados bem sucedida registrada nos anais da história (JAMES, 2000).

sendo impensável⁷ na concepção dos intelectuais europeus. Pois, a capacidade de antigos/as escravizados/as africanos/as transplantados/as nas Américas conquistarem a liberdade, e fundarem um Estado independente por meio de uma revolução estava fora do quadro de compreensão do pensamento ocidental, mesmo enquanto a Revolução acontecia (TROUILLOT, 1995 apud TOMICH, 2009, p. 83).

Ciente da importância do Haiti na luta para reconstruir uma imagem positiva das pessoas negras e para (re)pensar a própria ideia de ser humano, o posicionamento de Firmin a partir da sua escrita não se restringe somente à defesa do povo haitiano ou da “raça negra”, mas postula também uma nova concepção de humanismo que é inclusiva e capaz de superar as barreiras raciais impostas pelo colonialismo e pelo escravagismo. Firmin explicita essa concepção em um trecho da carta que enviou a Benito Sylvain⁸ na data 3 de janeiro 1895, contendo seu entusiasmo e a sua adesão para a realização da Primeira Conferência Pan-Africana⁹ no ano 1900 na cidade de Londres. Segundo ele “a mentalidade europeia terá recebido uma ampliação notável, pela apreciação exata de todos os dados históricos, artísticos e filosóficos, o dia em que os cientistas e os pensadores deixarão de se deparar com a doutrina *in éclaircie* da inferioridade natural de certas raças em comparação às outras”. A partir dessa ampliação da mente, segundo Firmin, emergirão não só novas habilidades; “mas é acima de tudo o sentimento de simpatia e solidariedade humana que progrediu, abrindo um horizonte moral mais amplo e profundo para o homem do século XX [...]” (FIRMIN, 1895 apud OIF, 2004, p. 71, tradução nossa).

Sendo a “raça” uma categoria fundamental do século XIX, ela ia ocupar um lugar de destaque na Antropologia haitiana. André Marcel d’Ans, no prefácio à obra *Le Paysan haitien et sa famille*, de Rémy Bastien, salienta que “a antropologia haitiana parece

⁷ Com relação à impensabilidade da Revolução Haitiana, parafraseando Trouillot, Dale Tomich escreve “A Revolução Haitiana era impensável em seu tempo devido àquilo que Trouillot define como uma ‘deficiência de categorias’. Ela não podia ser pensada no escopo de alternativas possíveis porque faltavam à Europa os instrumentos de pensamento — problemáticas, conceitos, métodos e técnicas — necessários para conceitualizá-la” (TROUILLOT, 1995 apud TOMICH, 2009, p. 184).

⁸ Marie-Joseph Benoît Dartagnan Sylvain, conhecido como Benito Sylvain, nasceu em Port-au-Prince, departamento do noroeste do Haiti, em 21 de março de 1868. Ele fez uma parte de seus estudos primários e secundários no Séminaire Collège Saint-Martial de Port -au-Prince e os completou no Collège Stanislas em Paris. Ele se formou em Letras na Faculdade de Letras da Sorbonne e foi nomeado em 29 de junho de 1889 pelo Presidente Légitime, secretário da legação do Haiti em Londres. Ele deixou esse cargo diplomático em 1890 para criar em Paris, Rue du Bac, o jornal *La Fraternité*, órgão de defesa dos interesses do Haiti e da raça negra (*La Fraternité, Organe de défense des intérêts d’Haïti et de la Race Noire*). Ele dirigiu este jornal por sete anos, de 1890 a 1897, beneficiando-se da colaboração de seu irmão mais novo, Dr. Edmond Sylvain. Também foi cercado por vários outros haitianos na França, Anténor Firmin foi um deles. Além disso, houve dois políticos de Guadalupe que colaboraram neste jornal: o senador Isaac e o deputado Gaston Gerville-Réache. Benito Sylvain participou em 1889-1890 das conferências anti-escravidão de Bruxelas e tornou-se amigo do cardeal Charles Martial Lavigerie (1825-1892) (OIF, 2004, p. 94).

⁹ A Primeira Conferência Pan Africana realizada em Londres de 23 a 25 de julho de 1900. A ideia desta Conferência foi concebida no início de 1897. Nesta conferência, as discussões giraram em torno dos problemas enfrentados pela África, pelas outras regiões colonizadas e antigamente colonizadas. Problemas esses foram vistos como resultado da colonização europeia. A primeira campanha realizada pelos congressistas foi sobre a descolonização da África e das Antilhas, exigindo o fim ao regime colonial e à discriminação racial, também exigiram respeito pelos direitos humanos e igualdade de oportunidades econômicas para todos. Dentre os membros que compuseram o comitê da organização dessa Conferência podemos citar: Alexander Walters - presidente; Henry B. Brown - vice-presidente; Dr R. J. Colenso - tesoureiro geral; Henry Sylvester Williams - Secretário geral; Benito Sylvain - Delegado. Membros do Comitê Executivo: o Honorável Henry F. Downing; S. Coleridge Taylor; F.J. Loudin, J.R. Archer; Sra. Jane Cobden-Unwin e Sra. Anna J. Cooper (LARA, O. D, 2000 apud OIT, 2004, p.59). No entanto, o trinidadiano Henry Sylvester Williams, haitianos Benito Sylvain e Anténor Firmin são considerados como três pioneiros desse evento (OIF, 2004, p. 86-96).

ser consubstancial com a história do Haiti, porque os eventos que conduzem à Independência do país pareciam ser produtos de uma luta de raças”¹⁰ (MARCEL D’ANS, 1985 apud CÉLIUS, 2005).

Sem deixar de lado outras obras¹¹ com forte crítica a questão racial produzidas na primeira metade do século XIX, pode-se dizer que a antropologia haitiana se iniciou na segunda metade do século XIX com as obras *De l'égalité des races humaines: anthropologie positive*, de Anténor Firmin, publicada em 1885; e, mais tarde, *De la Réhabilitation de la race noire par la République d'Haïti*, de Hannibal Price¹², publicada em 1898. Essa antropologia foi ganhando mais espaço nacionalmente, no início da primeira metade do século XX, com o autor Jean Price-Mars, particularmente com a publicação de obras como *Ainsi parla l'oncle: essais d'ethnographie*, em 1928, *Une Étape de l'évolution haïtienne*, em 1929, e *Formation ethnique folk-lore et culture du peuple haïtien*, em 1956 (CÉLIUS, 2005; FLUEHR-LOBBAN, 2005).

O pensamento antropológico haitiano se colocou desde o seu início com uma visão anti-hegemônica e crítica à ciência imperialista vigente naquela época (DENIS, 2011). A conquista da independência do Haiti abriu caminho para questionar tanto os paradigmas quanto às categorias a partir dos quais o pensamento social ocidental opera (TROUILLOT, 1995). Isso possibilitou novas discussões sobre termos como revolução, raça, igualdade, liberdade, humanidade, direitos etc. Ao mesmo tempo, colocou em xeque os discursos construídos para legitimar a escravidão e a desumanização dos/as africanos/as e seus descendentes. Assim, os precursores da antropologia haitiana tentaram desnaturalizar a escravização das pessoas negras e defender a humanidade de todos os seres humanos; lutando contra o racismo científico que predominou na Europa. É nessa altura que a obra de Anténor Firmin foi uma crítica e uma resposta direta a Arthur de Gobineau. O pensamento antropológico haitiano inicialmente teve como elementos norteadores a crítica racial, a defesa da igualdade das “raças” humanas e igualdade entre as nações. Neste sentido, Célius (2005, p. 4, tradução nossa) enfatiza:

Assim, o pensamento haitiano despertou discussões incansáveis sobre a igualdade das raças, a capacidade da raça negra para a “civilização”, prova dessa capacidade pela existência do Haiti, sobre o estado do avanço deste processo no país, sobre a reversibilidade de tal processo, ilustrada pela história da África, sobre o papel do Haiti na regeneração da raça [...]. Isto é um pensamento de combate, que se manifesta até mesmo na concepção e prática das belas artes,

¹⁰ Para uma melhor compreensão da revolução haitiana que culminou na independência do Haiti em 1804, ver a obra de C. L. R. James (2000) *Os jacobinos negros*. O livro de Laurent Dubois (2009) *Les Vengeurs du Nouveau Monde, Histoire de la Révolution Haïtienne* e o de Carolyn Fick (2017) *Haïti naissance d'une nation. LA Révolution de Saint Domingue vue d'en bas*. Para a questão de raça e de cor da pele, ver a obra *Idéologie de Couleur et Classes Sociales en Haïti* de Micheline Labelle (1987).

¹¹ O texto de Baron de Vastey (1816) intitulado RÉFLEXIONS Sur une Lettre de MAZÈRES Ex-colon français, adressée à M. J.C L. SISMONDE DE SISMONDI, Sur les Noirs et les Blancs la Civilisation de l'Afrique le Royaume d'Hayti etc. é um bom exemplo dessa crítica.

¹² Hannibal Price nasceu no Jacmel, Sudeste do Haiti, em 1841, depois de seu estudo primário, ele trabalhou como agricultor, comerciante e tornou-se um industrial. Diplomata, advogado, Price foi eleito deputado e presidente da câmara dos deputados haitiana em 1876. Também, foi ministro das relações exterior, nos anos 1890, foi embaixador do Haiti em Washington, Estados Unidos, onde faleceu em 1893. Ele foi membro do Congresso Pan-africano. Hannibal Price escreveu várias obras, dentre elas, a mais destacada: “Da Reabilitação da Raça Negra pela República do Haiti” (*De la réhabilitation de la race noire par la République d'Haïti*). Obra póstuma, que a primeira edição foi publicada em 1898 - 5 anos depois da sua morte. Nesta obra, ele respondeu criticamente o inglês Spencer St. John que publicou em 1886, “Haiti ou República negra” (*Haïti ou la République noire*).

bem como no discurso estético, através do tema de beleza nas raças. Estas questões revisitadas por Anténor Firmin na obra “*De l'égalité des races humaines*” a partir de uma “antropologia positiva” com base em uma crítica sistemática da razão antropológica em suas elaborações mais avançadas no final do século XIX”.

A dimensão crítica sempre esteve presente no pensamento social haitiano. Devido ao fato do Haiti ser o único país negro que conseguiu conquistar a liberdade por meio da luta de escravizados, vencendo o exército napoleônico, que era o mais poderoso do mundo naquela época, os intelectuais haitianos pós-escravistas se sentiram na obrigação de participar na produção de um contradiscurso, buscando reinserir as pessoas negras de uma maneira digna no mundo moderno (DENIS, 2011).

Ao lado da obra *De L'Égalité des Races Humaines* de Anténor Firmin, *De la Réhabilitation de la Race noire par la République d'Haïti*, obra de Hannibal Price, é a segunda que consideramos ter desempenhado um papel importante na consolidação da antropologia haitiana no final do século XIX, por abordar questões que vão marcar o pensamento social do século XX. Suponho que o título do trabalho de Price tenha sido inspirado na obra de Firmin, que no prefácio de seu livro salienta que o Haiti deveria servir para a Reabilitação da África (*Haïti doit servir à la réhabilitations de l'Afrique*) (FIRMIN, 1885, p. XIII).

Na primeira parte da obra *De la Réhabilitation de la Race noire par la République d'Haïti*, Hannibal Price questiona o princípio da identidade do homem na diversidade das raças, colocando algumas questões que são objetos de preocupação para consciência humana, Por que somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? (*Pourquoi sommes-nous? D'où venons nous? Où allons-nous?*), (PRICE, 1898, p. I).

Como o preconceito racial era uma das questões preocupantes na sociedade haitiana, Price (1898) atacou essa questão vigorosamente, tanto no plano interno quanto no plano externo. Assim, percebendo também a falta de base do discurso fundamentado sobre a desigualdade das raças, e ciente da representação grotesca feita sobre o Haiti, ele enfatizou a necessidade de educar o povo haitiano e outros povos negros no mundo para que eles possam afastar de seu espírito e de seu coração as ideias falsas e o sentimento de inferioridade desprezíveis produzidos na história europeia.

A seguir teceremos algumas considerações sobre essas duas importantes obras da antropologia haitiana, tentando apresentar alguns elementos da sua influência sobre o pensamento social afro-diaspórico e africano, sobretudo na pós-colonialidade.

Antropologia Haitiana e suas Influências

A) *De l'Égalité des Races Humaines: anthropologie positive* de Anténor Firmin

Pontuo anteriormente que a antropologia haitiana surgiu num contexto em que a questão racial ocupou um lugar de destaque no debate das ciências naturais e na antropologia europeias. E, nelas predominava o argumento de que existe uma desigualdade inata das raças humana.

Fluerh-Lobban (2005) considera Anténor Firmin como o primeiro antropólogo negro que fez uma crítica mais consistente à visão dominante na antropologia na sua época. Baseado no positivismo de Auguste Comte, ele percorreu a história da tradição filosófica, científica e religiosa de diversas civilizações para desconstruir a tese sobre a qual se fundamenta a ideologia da desigualdade das raças humanas. Isto levou-o a tratar as condições de produção de conhecimento científico, questionando a lógica de poder

presente na elaboração e na circulação de saberes (CÉLIUS, 2005). Em outros termos, ao questionar as teorias sobre raças produzidas na Europa, Firmin atenta para a posição hegemônica ocupada por intelectuais europeus que servia para produzir discursos que tendiam a legitimar preconceitos, discriminação e justificar a dominação ocidental. Em contraste, ele salienta que “a autoridade dos sábios não deve ser suficiente para disseminar opiniões preconceituosas, errôneas durante séculos”. E, ressaltando também que “acima das prevenções e dos preconceitos dos sábios, existe a ciência; acima dos erros sistemáticos dos historiadores, existe a história; a filosofia é mais forte e mais convincente que todos os filósofos” (FIRMIN, 1885, p. 653, tradução nossa).

Considerando a discussão entre poligenismo e monogenismo e analisando a classificação feita pelos naturalistas como Pierre Paul Broca, Firmin (1885, p. 47) destaca que os sábios que teorizam sobre a questão de espécie não chegaram a uma abordagem clara do que é uma espécie.¹³ Diante da dificuldade em classificar as espécies, Firmin, (1885, p. 48) colocou as seguintes perguntas: “os homens formam uma só espécie ou eles formam várias?” “Os negros são da mesma natureza que os brancos, isto é, apresentam a mesma conformação orgânica, mesmas aptidões intelectuais e morais?” De acordo com ele, estas questões foram a base da discussão sobre as espécies, ressaltando também que os escravistas não sentiram nenhuma culpa em adaptar seu sistema imoral à doutrina poligenista, declarando que negros eram inferiores, portanto, de uma espécie diferente dos brancos. De outro lado, os abolicionistas lutaram para demonstrar que os negros eram de uma mesma conformação anatômica e fisiológica que a dos brancos, apenas com diferenças secundárias insignificantes (FIRMIN, 1885, p. 50-51).

Anténor Firmin analisa a obra *Mémoire sur l'hybridité* de Broca, na qual o autor escreve que “a espécie é um conjunto de indivíduos que descendem numa linha reta sem mistura de um casal único e primordial” (BROCA apud FIRMIN, 1885, p. 67). Firmin critica a ausência de metodologia científica consistente e falta de fundamento nas considerações feitas por Broca:

A natureza de nosso trabalho, diz Broca, nos dispensa de acompanhar minuciosamente, nas diversas raças, todas as modificações do crânio, da face, do tronco e dos membros. Limitamo-nos em comparar, numa paralela incompleta e rápida, os homens que pertencem ao tipo caucasiano com aqueles ao tipo dito Etíope (FIRMIN, 1885, p. 69, tradução nossa).

Broca, basicamente, na sua investigação, considera a existência de dois tipos de humanos, que segundo ele, são de naturezas opostas, ressaltando que, como nota Firmin, “dentre as características anatômicas que distinguem o Etíope e o Caucasiano, escolherei, primeiro, diz ele, o mais grave, ou o mais aparente, a cor da pele” (BROCA apud FIRMIN, 1885, p. 70). Para Broca, a conformação física do negro é de alguma forma o intermediário entre a do homem europeu e a do macaco.

O autor escolheu, ainda, outros elementos de comparação entre negro e branco, argumentando que o cérebro dos brancos é mais volumoso do que o do negro. Nos brancos o sistema arterial seria mais desenvolvido do que o sistema nervoso, porém,

¹³ Do ponto de vista taxológico, os naturalistas trazem muitas definições do que seria uma espécie. Alguns dizem que uma espécie é uma coleção de indivíduos caracterizada por um conjunto de traços distintos cuja transmissão é natural, regular e indefinida no estado atual das coisas, (GÉOFFROY SAINT-HILAIRE apud FIRMIN, 1885, p. 44).

para os negros isso é contrário. O sangue do negro seria mais viscoso do que o do branco (FIGUIER apud FIRMIN, 1885, p. 84). Para Firmin, os tipos de argumento levantados por Broca e Figuiier para rebaixar a raça negra são usados pela necessidade de causas porque Broca e seus adeptos queriam provar cientificamente que os negros são inferiores e aptos ao trabalho forçado.

Ainda na mesma perspectiva investigativa sobre o fundamento da ideia de desigualdade das raças humanas vigente naquela época, Firmin aborda a questão da mestiçagem.

Essa última de extrema importância em sua investigação, porque a concepção dos poligenistas sobre o que é uma espécie e sobre a reprodução de espécie, a mestiçagem¹⁴ tinha um caráter totalmente negativo. Os poligenistas, baseados em antigas leis fisiológicas da espécie, pretendiam que a fecundidade continuasse, de geração em geração, porém, apenas com indivíduos da mesma espécie. Esta concepção, segundo Firmin, em determinado momento, foi aceita por todos os naturalistas da escola clássica como uma verdade científica de primeira ordem (FIRMIN, 1885, p. 94).

Diante de tal concepção, Firmin busca apreender se todos os homens, quaisquer que sejam suas diferenças de cor, de fisionomia, de civilização, são aptos a se reproduzir, cruzando um com outro. Criticando os poligenistas, Firmin parafraseia Broca:

Nós examinamos os mestiços, diz Broca, sob a relação da fecundidade e sob a relação da validade física e moral, pois o ponto de vista que nos interessa, bastaria que alguns mestiços fossem inferiores às duas raças mães com relação à longevidade, ao vigor, à saúde ou à inteligência, para fazer com que as duas raças não sejam mais da mesma espécie (BROCA apud FIRMIN, 1885, p. 96, tradução nossa).

Com base nesta afirmação, Firmin pergunta se “todas as crianças provindas de uma ‘mesma raça’, como Franceses, Ingleses, ou Alemães, são sempre iguais a seus parentes maternos em longevidade, em vigor, em saúde e em inteligência?”. Mas, mais interessante no argumento de Firmin, é a refutação da tese a seguir: “a união do negro e da mulher branca é muitas vezes estéril, porém a união do branco com a negra é perfeitamente fecunda”. Analisando a questão da esterilidade que os poligenistas atribuem aos mestiços, Firmin salienta que o burro e a égua, animais de espécies diferentes, pelo seu cruzamento produz um animal híbrido – a mula, mas essa espécie é infecunda. Se o mesmo tivesse validade para os mestiços, poderia afirmar que seus parentes são de espécies distintas. Como o contrário que se produziu, ou seja, o mestiço que é filho do cáucaso com negro é fecundo, então o negro e o branco são da mesma espécie.

Firmin critica argumentos de naturalistas como M. Boudin e A. Java que concordam com a ideia de inferioridade dos mestiços. O primeiro alega que “os mestiços são muitas vezes inferiores as duas raças mães, seja em longevidade, seja em inteligência, seja em moralidade.” E, o segundo exemplifica que “os mestiços serem tão pouco inteligentes, faz com que nunca se encontre um entre eles escolhidos como funcionário, nem empregador.” (FIRMIN, 1885, p. 104). Além disso, para justificar a inferioridade

¹⁴Importante destacar: bem antes de Firmin havia controvérsia no debate sobre a mestiçagem. Por exemplo, um argumento em favor da mestiçagem já havia sido colocado por um autor como Quatrefages de Bréau (1861), que criticou Gobineau, invocando o sucesso da mestiçagem na América do Sul. Porém, uma crítica a mestiçagem na América do Sul foi feita por Agassiz (1869), que concebeu a mestiçagem como a causa fundamental da decadência miserável dos mestiços da Amazônia.

moral dos mestiços, autores como Tschudi e M. Squier escrevem que “os mestiços negros e índios conhecidos sob o nome de Zambos, em Peru e em Nicarágua, são a pior classe de indivíduos. Só eles mesmos somam quatro quintos da população carcerária” (TSCHUDI; SQUIER apud FIRMIN, 1885, p. 105).

Desconstruindo ideias preconceituosas de que os mestiços são inferiores moral e intelectualmente, Firmin enfatiza como as estruturas sociais nas quais as pessoas mestiças se inserem as influenciaram. Ele salienta que sempre se constata quando uma classe de pessoas está colocada numa posição desfavorável (*fausse position*), ela não pode se juntar nem com a classe superior, que a menospreza, nem com a classe inferior, que ela (a classe dos/as mestiços/as) menospreza por sua vez. Tal classe passa a ser inconsistente e fraca, obrigada a girar em zigue-zague entre duas correntes opostas (FIRMIN, 1885, p. 106). Firmin salienta que estruturas sociais possuem um grande poder na orientação das condutas dos indivíduos. Isto é, as condições sociais em que os/as mestiços/as se inseriram, por causa do preconceito que foi atribuído às suas aptidões intelectuais, são motivos plausíveis da sua marginalização.

De acordo com Firmin, o olhar negativo sobre as pessoas mestiças foi muito recorrente no Haiti antes da independência. Os mestiços haitianos foram vistos pelos seus pais caucasianos como uma espécie de parasita, se deixando levar pela vadiagem, e conseguindo fazer apenas as coisas mais repugnantes. Também, em todas as colônias francesas, aponta Bory de Saint-vincent¹⁵, os mestiços foram tratados com um desprezo injustificável e capaz de suscitar neles um sentimento de indignação para se revoltar.

Ainda com relação ao desprezo dos mestiços, Bory de Saint-Vincent citado por Firmin, salienta que a maioria dos pais dos mestiços tinha horror de reconhecê-los como seus filhos. Essa situação fez com que os mestiços tivessem dificuldade em reconhecer que são pessoas e pudessem reclamar seus direitos naturais. Porém, quando alguns pais brancos concordaram em reconhecer legalmente seus filhos (mulatos), cuidaram deles, tiraram do jugo da escravidão e possibilitou que eles gozassem o benefício (*bienfait*) da instrução e da educação, de modo que conseguiram desenvolver suas aptidões de maneira extraordinária. Firmin exemplifica a partir de mestiços haitianos que demonstraram grande inteligência e aptidão (como Ogé, Chavannes, Julien Raymond etc). Estes últimos lutaram e participaram na votação do decreto constituinte que atribuiu aos mestiços de Santo-Domingo a igualdade de direitos civis e políticos. Esses elementos foram ignorados por aqueles que queriam em todo sentido rebaixar os mestiços.

Depois da transformação da antiga colônia São Domingo em Haiti independente, uma mudança foi feita no costume e na cultura de mulatos. Antes os mestiços eram considerados como vagabundos, mas no Haiti independente eles se tornam homens. Além disso, Firmin salienta que sem direitos políticos, muitas vezes na condição de escravos, é materialmente impossível os mulatos cultivarem coisas do espírito (*choses de l'esprit*). Firmin foi convencido de que a inteligência humana, para atingir o mais alto grau do desenvolvimento de espírito, sempre precisa de certos estímulos. Porém, a situação constante de vergonha que predominava sobre os mestiços não estimulava sua inteligência para o seu desenvolvimento espiritual.

¹⁵ Jean-Baptiste Geneviève Marcellin Bory de Saint-Vincent foi um naturalista e geógrafo francês que nasceu em 1778 e faleceu em 1846.

Contrariamente ao que os naturalistas da escola poligenista pensavam sobre os mestiços¹⁶, no Haiti em 1804 eles se tornaram mestres de seus destinos, orgulhosos de demonstrar ao mundo que suas aptidões são amplas da mesma maneira que a dos homens caucasianos. E que eles podem trabalhar, se esforçar, lutar para desenvolver suas faculdades intelectuais (FIRMIN, 1885, p. 106).

Para Firmin, as raças são iguais, porém a única coisa que ele apontou é uma diferença de temperamento que pode existir entre os indivíduos. Além das condições materiais favoráveis, é por meio da vontade, da confiança em si, que um indivíduo consegue realizar com sucesso trabalhos intelectuais de grande valor. Apesar de cientistas terem explicado a inferioridade intelectual do negro nos estudos superiores depois destes serem libertos, ele sublinha muitos exemplos que contradizem essa visão; “faz muitos anos, salientou Dumont D’Urville que mulatos e negros receberam grande prêmio no Concurso Geral de Paris (*au concours général de Paris*).” (DUMONT D’Urville apud FIRMIN, 1885, p. 637). Ele continua salientando que muitos negros: haitianos, estadunidenses, liberianos, etíopes demonstraram prova de grande inteligência em todas as áreas científicas.

Na perspectiva firminiana, a igualdade das raças postula uma consagração definitiva e superior da igualdade de todos os povos do universo; e enfatiza que em todos os lugares onde estão lutando pela democracia e todos os lugares onde a diferença de condições sociais é ainda motivo de competições e de resistências, o postulado da igualdade das raças será um salutar remédio (FIRMIN, 1885, p. 645). Para Charles (2011, p. 67), o conceito de igualdade das raças, dos povos e das nações constitui-se uma contra-ideologia, uma antítese ao paradigma ocidental que sustenta a ordem mundial do final do século XIX e do início do XX. Convencido de que a igualdade das raças será o remédio para solucionar o problema das relações raciais e sociais por excelência, Firmin questiona o devir e as consequências da teoria da desigualdade das raças, enunciando que “ela caminhará de exclusão em exclusão, e chegará a concepção de um pequeno núcleo de homens, quase deuses por seus poderes, destinado a subjugar todos outros seres humanos” (FIRMIN, 1885, p. 645). Com relação ao destino da raça na doutrina da desigualdade das raças humanas, Gobineau escreve:

A espécie branca, considerada abstratamente, já desapareceu da face do mundo. Após passar a idade dos deuses, onde ela estava absolutamente pura; idade dos heróis, onde as misturas foram de força moderada e de número; a idade da nobreza, onde faculdades, ainda grandes, não foram renovadas por fontes secadas, ela alimentou mais ou menos prontamente, de acordo com os lugares, em direção da confusão final de todos os seus princípios, por causa de seu hímen heterogêneo. Por conseguinte, não é agora mais representada por híbridos; aqueles que ocupam os territórios das primeiras sociedades mistas têm sido naturalmente o tempo e suas oportunidades para se degradar mais (GOBINEAU, 1855, p. 560, tradução nossa).

Para Firmin, este destino trágico previsto por Gobineau evidencia a inconsistência histórica e lógica da sua teoria. E, Gobineau vai mais longe na sua

¹⁶ Mestiço é usado como sinônimo de mulato aqui.

previsão, concluindo que a humanidade inteira vai se desgastar por causa da promiscuidade de grupos étnicos.

Duas questões colocadas por Firmin a respeito desse destino trágico da humanidade previsto por Gobineau: “Essa consideração não é signo de um espírito doente?”; “Não parece que é o caráter distintivo de todas as falsas teorias levar fatalmente as conclusões tão contrárias à lógica como às aspirações universais?”. Criticando Gobineau e Renan, que acreditam na existência de uma raça superior, Firmin pontua que a proposta deles é que todas as outras raças humanas são condenadas a desaparecer para deixar lugar para o desenvolvimento da raça branca (FIRMIN, 1885, p. 647).

Convencido da possibilidade de superar as contradições históricas que afetam o convívio e o progresso das raças, Firmin (1885, p. 652) afirma que, no começo, todas as raças humanas que ocupam a terra hoje foram igualmente ignorantes, débeis e imorais, mas na medida em que evoluem, elas se aprimoram, transmitindo para seus descendentes faculdades destinadas a se aperfeiçoar de geração em geração. A raça negra que foi desumanizada pela colonização e a escravização, com o tempo, vai conquistar seu lugar no mundo moderno. Assim, Firmin argumenta que a história não é estacionária, a raça negra tem que continuar a lutar para a sua emancipação. Ela tem que reforçar a cada dia o sentimento, a convicção da sua igualdade com relação a todas as outras raças humanas desse planeta. Acreditar na igualdade é se engajar moralmente para prová-la, por meio de fatos e resultados, pelo preço de esforço. Ciente da importância da igualdade, da justiça, para um convívio entre as raças, Firmin salienta que se levar as atrocidades, injustiças sofridas pela raça negra, isso poderia gerar ódio contra seu opressor. Porém, a generosidade da raça negra venceria o ódio porque o sofrimento infligido a ela lhe permitiria lutar para que a justiça vença (FIRMIN, 1885, p. 656).

O autor foi convencido de que um dia a raça negra conseguirá quebrar essas barreiras impostas, escrevendo “coragem! ninguém pode contestar a coragem do negro para lutar”. E continua nas suas considerações dizendo:

Para realizar a igualdade, que é um direito natural, imprescritível e irrevogável o fato de que a ciência demonstra que nenhuma raça de homens possui aptidões superiores às outras, a raça negra tem que dirigir continuamente suas aspirações em direção das conquistas de forças morais e intelectuais, são elas que igualam os homens (FIRMIN, 1885, p. 656-657, tradução nossa).

Consequentemente, Firmin concluiu que todos os homens são iguais e, portanto, eles têm que lutar para que prevaleça uma relação fraternal entre eles. A relação fraternal entre as raças não foi uma simples afirmação, mas era uma proposta e uma bandeira política, não só para superar o postulado da desigualdade das raças, mas também para construir um mundo justo e convivível. Talvez, a colaboração de Firmin com o intelectual haitiano Benito Sylvain para criar, em 1890, a revista *La Fraternité: Organe des Intérêts d’Haïti et de la Race Noire*¹⁷ expresse a dimensão que a palavra fraternal possuía

¹⁷ *La Fraternité* foi uma revista semanal criada em 1890 por Benito Sylvain em colaboração com outros intelectuais haitianos, como Anténor Firmin. As publicações objetivaram defender a raça negra e o Haiti diante dos ataques dos *détracteurs* da raça negra e da República do Haiti. Segundo informações disponíveis no site de Gallica, parece que de 1890 a 1896, tenham publicado 178 números que estão disponíveis no site da BNF Gallica - <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb327784726/date.r=pauleus+sannon.langEN>. Importante destacar que o jornal *La Fraternité* foi o primeiro a ser editado por um negro em Paris. Esses são algumas

para Anténor Firmin. No início de todas as publicações de *La Fraternité* figura a seguinte frase: “O homem sendo um espírito e um coração, só a liberdade não é suficiente para ele: ainda precisa de amor e caridade” (tradução nossa) (*L’homme étant à la fois un esprit et un coeur, la liberté ne lui suffit pas: il faut encore l’amour et la charité*).

B) *De la réhabilitation de la race noire par la République d’Haïti*, de Hannibal Price

A representação preconceituosa feita sobre o Haiti pós-escravidão como um país bárbaro por ter se libertado da escravidão por meio de lutas, e sobre o negro em geral no plano internacional deixou Hannibal Price perplexo. De acordo Price (1898), opiniões veiculadas sobre o Haiti e as pessoas negras nos países ocidentais têm suas bases no ódio, não na história, tendo como principal objetivo afastar o resto do mundo do Haiti e menosprezar as pessoas negras.

Devemos enfatizar que a crítica de Price era direcionada abertamente ao livro Haiti ou a República Negra (*Haïti ou la République Noire*) do inglês protestante Spencer St. John, publicado em 1886, no qual o autor salienta que “a população haitiana tem uma tendência que se manifesta para se rebaixar ao estado de tribos africanas, apesar da vizinhança de países civilizados que estão ao redor do Haiti” (ST. JOHN, 1886, p. VIII). Spencer St. John salienta que “a massa de camponeses haitianos que vivem nos meios rurais, que raramente tem contato com gentes civilizadas, e que tem poucos padres para ensiná-los a verdadeira religião; não tem nenhuma autoridade que poderia impedir de participar às cerimônias bárbaras de feitiçaria¹⁸”.

Assim, do mesmo modo que Firmin abordou as representações preconceituosas feitas sobre o negro na literatura científica ocidental hegemônica na sua época, Hannibal Price embarcou numa luta em defesa da República do Haiti que constantemente estava, e ainda está, sofrendo violências de naturezas diversas. Nessa perspectiva, ele reafirma a necessidade de os haitianos prosseguirem as lutas em defesa da raça negra e do Haiti:

Abater a bandeira é abdicar das glórias do passado e mergulhar de cabeça na vergonha eterna. E é em direção a esse suicídio que escritores criminosos ou inconscientes estão tentando empurrar a nação haitiana desde a sua formação! Não podemos cometer, nós nunca cometermos essa covardia extrema. Se o Haiti cometer esse suicídio, não apenas se cobriria de vergonha, ela seria culpada de uma tentativa de assassinato contra toda a raça negra (PRICE, 1898, p. 25, tradução nossa).

Sua tentativa é para combater essa literatura insalubre¹⁹ que os intelectuais pró-escravidão, muitas vezes racistas, não pararam de produzir antes e depois da revolução do Haiti. Segundo Price, a obra *De la réhabilitation de la race noire par la République d’Haïti* é uma orientação oferecida às pessoas negras em geral e aos haitianos/as em particular. Nessa obra, Price exorta e chama atenção dos/as haitianos/as para suas responsabilidades intelectuais, morais e materiais, para contribuir na reabilitação da raça negra. O Haiti, na

das personalidades que colaboraram com a revista: Jules Simon, Léon de Rosny, Madame Adam e Séverine, Senador Isaac, deputado Gerville-Réache, Jean Hess, Edmond Thiaudière, Leon Audain, Wesner Menos, Emmanuel des Essarts, Derville Charles-Pierre, Marc Legrand e Paul Vilbert. (OIF, 2004, p. 72).

¹⁸ Spencer se referia à religião *Vodou*, uma religião de matriz africana, que só foi reconhecida como religião em 2003 por um decreto presidencial, assinado pelo ex-padre e então presidente Jean Bertrand Aristide.

¹⁹ Hannibal Price usa a expressão “*littérature malsaine*.”

sua concepção, não pode nem deve abandonar a sua principal missão, que seria promover a liberdade plena da raça negra. E, por isso, os/as haitianos/as não devem se deixar intimidar por representações grotescas feitas sobre o Haiti e sobre a raça negra. Ele critica autores da sua época que avaliaram e criticaram o grau de desenvolvimento do Haiti, relacionando-o com a questão de sua raça, não com o seu passado colonial escravocrata. Price (1898, p. 31) salienta que qualquer povo, independente da sua raça, que tenha sofrido violências e tenha passado pela mesma situação histórica que o Haiti não seria tão diferente. Assim, ele criticou Spencer²⁰ que usou a sua lente colonial para comparar o desenvolvimento do Haiti com os países que o exploram durante séculos.

Price pontua que o homem livre, livre na sua alma e no seu pensamento, é suficientemente forte para defender a sua liberdade política contra a tirania, ou sua liberdade natural contra a escravidão. O homem só é cidadão quando é livre. A coragem é a virtude do cidadão, pois é por meio da coragem que ele pode se levantar na altura dos sentimentos da pátria, de sacrifício, de deveres, renunciando a todos os apetites animais, à própria vida pela grandeza e a reabilitação de um povo ou de uma raça (PRICE, 1898, p. 43).

Ao lado do trabalho de Anténor Firmin, Hannibal Price no seu posicionamento contra essa desigualdade racial, que é a base de toda representação feita sobre as pessoas negras, afirma: “sou um homem, um ser absolutamente idêntico a todos os outros humanos. O que tem de bem ou mal em mim, é bem ou mal em todos os homens.” (PRICE, 1898, p. 51).

A busca de felicidade, segundo o autor, é o que move os homens. Porém, a existência de obstáculos de tipos diversos exige esforço da parte dos homens para alcançá-la. Portanto, obstáculo é concebido como todas as coisas que impedem os homens de alcançar a felicidade. De tal modo, o interesse de todo homem é vencer os obstáculos. E deixa entender que a escravidão de africanos/as foi uma forma perversa adotada pelos colonizadores em busca de felicidade por meio de acumulação de riqueza sem esforço da sua parte. Assim, os colonizadores estabeleceram um sistema de exploração do homem pelo homem, dividindo a humanidade em partes opostas e contraditórias: o nobre e o vilão; o mestre e o escravo; o homem que se diverte e o homem que sofre (PRICE, 1898, p. 63). Esse mecanismo, na sua análise, vai contra o que ele chama de “assimilação natural” que é a base de toda civilização. E, na visão priceana, a civilização não é obra de uma raça, nem de um povo, mas é patrimônio da humanidade, construída por meio da interação entre indivíduos, raças e povos. Estas, sem exploração e escravização.

De acordo com Price, o preconceito é um obstáculo voluntário à assimilação natural, ele é resultado da ignorância primitiva do homem. A pretensão da desigualdade natural entre homens é fruto dessa ignorância primitiva. Para o autor, não tem nada de diferente nas raças humanas: “entre raças brancas na Europa, entre raças negras na África, entre raças amarelas na Ásia, entre raças vermelhas na América, sempre é a mesma coisa. Porém, rebanho, tribo, nação vencida, é raça inferior nos olhos do vencedor.” (PRICE, 1898, p. 97, tradução nossa).

As consequências desse erro (preconceito) são diversas e, segundo Price, podem conduzir a opressões, crimes, extermínio, etc. Insistindo que todo tipo de preconceito é resultado da ignorância, Price conclui que todo pensamento aristocrático, todo preconceito social enfraquece o ser humano, paralisa o desenvolvimento da prosperidade social e atrasa o progresso. Portanto, ele defende um regime democrático completo e

²⁰ No entendimento de Sir Spencer, o Haiti estaria melhor se tivesse continuado na escravidão, lamenta Hannibal Price.

absoluto, que é um regime capaz de conduzir de uma maneira segura as sociedades humanas à felicidade.

Na sua análise histórica, Price salienta que, fora do Haiti, o preconceito sobre as pessoas negras é mais forte que sobre qualquer outra raça. De acordo com ele, sistematicamente, em todo lugar se ensina a se isolar das pessoas oriundas do Haiti, a olhar o haitiano/a de uma maneira indiferente e com hostilidade. Esta República negra, que é a glória de todos os negros e todas as negras, é a obra mais nobre da raça negra. Porém, não deixa de ser alvo de discriminação, de isolamento, de preconceito, e para Price, esse último é um crime porque é praticado, cientemente, para perpetuar a ideia de desigualdade entre raças.

Procurando saber o que seria a identidade “branca” e “negra”, Hannibal Price sublinha que a raça existe apenas como produto do pensamento humano. Isto é, uma categoria de pensamento para diferenciar os indivíduos. O que existe, segundo ele, é apenas ser humano. E, esse último existe antes de qualquer categorização denominada raça. Ele aponta que raça inferior e superior é produto de pretensa ciência para legitimar a desigualdade. Isto é, para Hannibal Price, a raça é uma construção social.

Criticando viajantes europeus, principalmente Moreau de Saint Méry e Spencer St. John, para quem “o branco é um homem, e o negro também é homem, mas inferior. Mesmo com a melhor educação possível, o negro permanecerá um tipo de homem inferior” (ST-MÉRY; 1797-1798; ST-JOHN, 1886 apud PRICE, 1898, p. 115), Price levantou como questão importante saber se, qualquer que seja a causa desta degeneração, o negro possui as qualidades mentais e aptidões necessárias para superar as marcas da escravidão por meio da educação. Os cientistas colonialistas não respondem por meio da ciência, mas responderam como colonizador, dizendo *não*. Porém, Hannibal Price salienta que o povo haitiano contradiz esse argumento, demonstrando que as pessoas negras como todas as outras pessoas possuem essas capacidades.

Como salientemos na introdução, Hannibal Price ficou convencido de que é por meio da educação que os homens vão conseguir superar as ignorâncias. Ele entende que o ser humano em geral deve ser educado para se afastar de falsas ideias, de preconceitos que dificultam o alcance da felicidade na sua forma ampla. Isto é, felicidade de todos os seres humanos independentemente de raça, de cor da pele, etc. Como Firmin, a obra de Price atenta para temáticas que iriam ocupar o debate nas ciências sociais do século XX. Além da raça e do preconceito, figuram-se a educação, a felicidade, a identidade, entre outras.

Considerações Finais

Buscou-se apresentar algumas ideias defendidas pelos pioneiros da antropologia haitiana, ainda que hoje sejam ideias muito questionáveis. Porém, no período em que Anténor Firmin e Hannibal Price escreveram, a concepção de que existia inferioridade nativa das pessoas negras era hegemônica. Como apontamos anteriormente, Firmin é o primeiro antropólogo negro que atacou o fundamento do argumento científico que legitimava a desigualdade racial (FLUEHR-LOBBAN, 2005). Trabalhos de Firmin e de Price influenciaram direta e indiretamente o pensamento de muitos/as intelectuais negros/as, e serviram como ferramenta para desconstruir os preconceitos coloniais e escravistas. No âmbito internacional, seus pensamentos influenciaram os movimentos pan-africanistas modernos (DENIS, 2011). No plano

nacional, seus pensamentos influenciam os autores do *movimento indigenismo haitiano*²¹, particularmente Jean Price-Mars (1928). Nesse sentido, Fluehr-Lobban realiza uma comparação entre Firmin e Jean Price-Mars, salientando que há uma continuidade entre ambos, e apontando que o pensamento firmiano impacta significativamente a antropologia afro-americanista a partir de trabalho de Jean Price-Mars (FLUEHR-LOBBAN, 2005 apud CÉLIUS, 2005).

Na obra intitulada *Anténor Firmin* publicada em 1978, Jean Price-Mars demonstra a sua fascinação pela antropologia firminiana. Também, a influência de Hannibal Price sobre Jean Price-Mars pode ser apreendida não só por meio das suas obras, mas também através de um ato simbólico realizado por Price-Mars. Para se posicionar contra a instrumentalização de marcadores de diferenciação racial e a essencialização da raça que tendia a se expressar no Haiti em forma de dualismo negro versus mulato, Price-Mars faz de seu sobrenome uma síntese destas duas categorias étnicas, adotando uma parte do sobrenome de Hannibal Price, um intelectual *mulâtre* haitiano. Seu nome completo antes era “JEAN MARS”, ele adotou o “PRICE” de Hannibal PRICE. Desde então, seu nome passou a ser Jean Price-Mars (NICHOLLS, 1975).

Analisando a influência indireta de Firmin sobre a intelectualidade negra, Obenga (2008) salienta que Jean Price-Mars, foi o primeiro presidente da *Société Africaine de Culture (SAC)-Présence Africaine*, fundada pelo Senegalês Alioune Diop. Além disso, Obenga sublinha que Price-Mars é considerado como “pai fundador da negritude”. E, salienta que o gosto de Price-Mars pela Antropologia vem de Anténor Firmin. Porém, por ter influenciado por Firmin e Price, dois autores humanistas que foram oponentes a uma ideia essencializada da raça, atribuir a Price-Mars a paternidade da negritude parece algo questionável, pois o ato simbólico mencionado acima vai contra qualquer essencialização pautada pelo dualismo e pelo essencialismo.

Embora os intelectuais afro-americanistas não tenham sido influenciados diretamente por Antenor Firmin e Hannibal Price, os principais teóricos do movimento indigenismo haitiano e particularmente Jean Price-Mars foram influenciados por ambos. Em decorrência disso, influenciaram o pensamento dos afro-americanistas. A título de exemplo, no primeiro congresso de intelectuais negros na França, em setembro 1956, na Sorbonne – onde estiveram presentes na tribuna: Alioune Diop, Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, Richard Wright, Stephen Alexis e outros; também estavam presentes na sala Claude Lévi-Strauss, René Depestre, Édouard Glissant, James Baldwin etc. –, Jacques Stephen Alexis, membro do indigenismo haitiano, começa seu discurso de maneira a seguir:

Antes de passar à exposição desta comunicação, permitam-me agradecer de todo coração a grande revista dos intelectuais de origem negra *Présence Africaine*, graças a qual este Congresso reuniu-se. Não podem nos acusar de particularismo negro quando a cultura dos povos negros como os povos eles mesmos são ainda vítimas do racismo, da discriminação e do paternalismo de um certo Ocidente nostálgico de um passado revoltoso. Porém, isto exige também que definamos claramente nossas proposições, aproximando as realidades que as fundamentam. Assim, posso vos dizer que todos os

²¹ O indigenismo surgiu em 1915 contra a ocupação estadunidense (1914-1934). Esse movimento reuniu vários intelectuais haitianos, como: Léon Laleau, Dantès Bellegarde, Dr. Jean Price-Mars, Jacques Stephen Alexis, Jacques Roumain, etc.

intelectuais conscientes e combativos da República do Haiti querem e acreditam na fraternidade das armas culturais dos povos negros do Mundo no âmbito da fraternidade de luta de todos os povos da Terra (ALEXIS, 1970, p. 2, tradução nossa).

Importante ressaltar que, tanto Anténor Firmin quanto Hannibal Price, não só denunciaram e criticaram o racismo, mas também sublinharam a necessidade de lutar para que haja igualdade entre os seres humanos, bem como incentivaram a fraternidade e solidariedade entre eles.

A obra de Anténor Firmin é também um tratado sobre um novo humanismo, uma vez que ele salienta que o sentimento de solidariedade humana tomará uma extensão ainda maior, à medida que a civilização se estabeleça nas mentes e nos costumes das nações. Essa solidariedade, a princípio mais estreita, mais íntima, se desenvolve imperceptivelmente para abranger, ao longo do tempo, toda a humanidade (FIRMIN, 1885, p. 564). Na análise de Charles (2011, p. 67) a paz e harmonia universais, que são bases dessa solidariedade, segundo Firmin, só se tornarão realidade quando o nacionalismo e o patriotismo forem substituídos por um novo humanismo.

Apesar da grande relevância que as obras desses autores têm na crítica racial e na defesa de uma outra concepção antropológica, elas permaneceram quase desconhecidas no campo intelectual. Tanto Arthur de Gobineau, o autor da *“Essai sur l'inégalité des races humaines”* como Anténor Firmin, o autor da *“De l'égalité des races humaines: anthropologie positive”* fizeram parte da SAP e publicaram no mesmo lugar. Ainda que não tenham publicado na mesma época, *“Essai sur l'inégalité des races humaines”* em 1855 e *“De l'égalité des races humaines: anthropologie positive”* em 1885, a primeira se tornou muito conhecida no campo das ciências humanas e passou a ser traduzida em várias línguas, enquanto a segunda permanece *lettres mortes* por muito tempo e ainda hoje é pouco conhecida no campo da antropologia. Nessa linha, sobre as obras de Anténor Firmin e de Hannibal Price, Price-Mars (1919, p. 221-222) salienta que apesar do grande rigor científico usado na produção de suas obras, por serem haitianos, suas obras não conseguiram espaço na literatura sócio-antropológica moderna.

A obra *Silenciando o passado* de Michel Rolph Trouillot (1995) se revela importante para o entendimento da questão levantada por Price-Mars (1919) a respeito da obra de Firmin na antropologia moderna. Segundo Trouillot, ontologicamente os intelectuais europeus tinham atribuído um lugar de incapaz às pessoas negras. Michel Rolph Trouillot exemplifica isso através da impensabilidade da revolução haitiana na visão dos intelectuais e dos revolucionários europeus. Para Trouillot, quando algo impensável como a Revolução Haitiana acontece, ela contradiz tudo que foi estabelecido a respeito da revolução e das pessoas negras. Assim, o que aconteceu no Haiti entre 1791 e 1804 “contradiz muito do que o Ocidente conta de si mesmo, para si e para os outros” (TROUILLOT, 1995, p. 173).

A partir da abordagem de Trouillot, entendemos o silenciamento não só das obras de Firmin e Price, mas de outros/as intelectuais negros/as nessa mesma chave de impensabilidade. Portanto, entendemos também que as obras de Firmin e de Price não ficaram desconhecidas apenas porque elas contradiziam uma concepção hegemônica sobre a questão de raça na antropologia europeia naquela época, mas também porque são produzidas por indivíduos que não foram reconhecidos como pessoas capazes de produzir obras intelectuais de grande alcance e de grande valor.

As obras desses autores sofrem o mesmo processo de silenciamento e de exclusão que sofreu o Haiti depois da sua independência, que faz com que tudo que é produzido nesse lugar não seja digno de reconhecimento. É esse processo que Hannibal Price criticou na sua obra. A exclusão das obras pode ser considerada como resultado de uma estrutura científica racista, que busca abafar as produções dos/as intelectuais que desafiam e contradizem a ordem estabelecida. O que faz parte da própria disputa científica. A invisibilidade das obras de Firmin, por exemplo, corresponde a uma luta contra a introdução não apenas de outra concepção sobre ser humano, mas também de outra visão antropológica neste campo científico. A demonstração da igualdade existente entre as raças é intimamente ligada à concepção de Firmin da Antropologia. Pois, segundo ele, a Antropologia é o estudo do homem nas suas dimensões físicas, intelectuais e morais, social considerando o estado em que é encontrado nas diferentes raças que constituem a espécie humana (FIRMIN, 1885, p. 10).

É perceptível que os autores estudados utilizam as bases europeias para tecerem as suas críticas ao racismo científico iniciado na Europa e disseminado para os outros países. Isto é, as suas críticas são produzidas pela seleção de teorias e metodologias europeias, mas não simplesmente pela negação. Também há um certo evolucionismo social presente nas suas obras.

Em suma, embora neste artigo, privilegiemos a dimensão antropológica da obra de Firmin e de Price, importante destacar que a multidimensionalidade desses intelectuais impede toda tentativa de reduzir seus pensamentos a apenas a questão racial. Eles abordaram assuntos complexos e diversificados do seu tempo que, ainda hoje, merecem atenção. Como salienta Jonassaint (2013), muitas vezes, faz-se referência à Revolução Haitiana, mas não aos seus intelectuais, particularmente os do século XIX.

Referências

- AGASSIZ, Louis. *Voyage au Brésil*. Paris: Librairie Hachette, 1869.
- ALEXIS, Jacques Edouard. Anténor Firmin: hier et aujourd'hui. In: HECTOR, Gary (org.). *L'actualité d'Anténor Firmin: Hier, Aujourd'hui et Demain*. Port-au-Prince: Haiti Édition de l'Université d'Etat d'Haïti, 2011.
- ALEXIS, Jacques Stephen. Prolégomènes à un manifeste du réalisme merveilleux des Haïtiens. *Dérives*, Montréal, n. 12, p.245-271, 1970.
- CÉLIUS, Carlo Avierl. *Cheminement anthropologique en Haïti*. *Gradhiva*, Paris, p. 47-55, 2005. Doi: 10.4000/gradhiva.263.
- CHARLES, Asselin. Anténor Firmin et le concept de l'égalité des nations In: HECTOR, Gary (org.). *L'actualité d'Anténor Firmin: Hier, Aujourd'hui et Demain*, Port-au-Prince: Édition de l'Université d'Etat d'Haïti, 2011.
- DENIS, Watson. De l'Égalité des races humaines d'Anténor Firmin: un traité d'anthropologie contemporaine In: HECTOR, Gary (org.). *L'actualité d'Anténor Firmin: Hier, Aujourd'hui et Demain*. Port-au-Prince: Édition de l'Université d'Etat d'Haïti, 2011.
- DUBOIS, Laurent. *Les vengeurs du nouveau monde: histoire de la Révolution Haïtienne*. Haiti: Université d'Etat d'Haiti, 2009.
- EYMA JUNIOR, Émilie. Anténor Firmin: l'intellectuel engagé, l'homme politique compétente et intègre. In: HECTOR, Gary (org.). *L'actualité d'Anténor Firmin: hier, Aujourd'hui et Demain*. Port-au-Prince: Édition de l'Université d'Etat d'Haïti, 2011.
- FICK, Carolyn. *Haiti naissance d'une nation: la révolution de Saint Domingue vue d'en bas*. Hait: Université d'Etat d'Haiti, 2017.
- FIRMIN, Joseph Auguste Anténor. *De l'Égalité des races humaines: anthropologie positive*. Paris: Librairie Cotillon, 1885.

- FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. Anténor Firmin and Haiti's contribution to anthropology. *Gradhiva*, Paris, 2005. Doi: 10.4000/gradhiva.302.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt Ltda, 1933.
- GOBINEAU, J. Arthur. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1855.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1936.
- JAMES, Cyril Lionel Robert. *Jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- JONASSAINT, Jean. Césaire et Haïti, des apports à évaluer. *Francophonies d'Amérique*, Montréal n.36, p. 135-165. 2013.
- LABELLE, Micheline. *Idéologie de Couleur et Classes Sociales en Haïti*. Montréal: Les Presse de l'Université de Montréal, 1987.
- MONAGREDA, Johanna Katuska. A raça na construção de uma identidade política: alguns conceitos preliminares. *Mediações*, v. 22, n. 2, p. 366-393, 2017.
- NICHOLLS, David. Idéologie et mouvements politiques en Haïti, 1915-1946. *Annales Économies, Sociétés, Civilisations*, Cambridge, v.30, Volume 30, Issue 4, p. 654-679, Aug. 1975.
- OBENGA, Théophile. *Hommage a Antenor Firmin (1850-1911), égyptologue haïtien*. ANKH, [S.l.], v. 17, p. 132-147, 2008.
- OIF - ORGANIZATION INTERNATIONALE DE LA FRANCOPHONIE (org.). *Le mouvement panafricaniste au XXe siècle*. Dakar: OIF, 2004.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PRICE, Hannibal. *De la réhabilitation de la race noire par la République d'Haïti*. Port-au-Prince: Impr. J. Verrolot, 1898.
- PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'Oncle: essais d'ethnographie*. New York: Parapsychology Foudation, 1928.
- PRICE-MARS, Jean. *Anténor Firmin*. [Port-au-Prince]: Imp. Séminaire adventiste, 1978.
- PRICE-MARS, Jean. *La Vocation de L'Élite*. Port-au-Prince: Imprimerie Edmodnu Chenet, 1919.
- QUATREFAGES DE BRÉAU, Jean Louis Armand de. *L'unité de l'espèce humaine*, Paris: Impr. de J. Claye, 1861.
- RODRIGUES, Raymundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 1886.
- ST. JOHN, Spencer. *Haïti: ou La république noire*. E. Plon: Nourrit et cie, 1886.
- SYLVAIN, Bénito, (dir.). *Organe des intérêts d'Haïti et de la race noire*. La Fraternité, Journal hebdomadaire, Paris, 27 août 1890. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5570112p>. Acesso: 10 mar. 2020.
- TOMICH, Dale. Pensando o "impensável": Victor Schoelcher e o Haiti. *Mana*, v. 15, n. 1, p. 183-212, abr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000100007&lng=en&nrm=iso. DOI: 10.1590/S0104-93132009000100007.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the past: Power and the production of history*. Boston: Beacon Press, 1995.
- VATEY, Baron. *Réflexions Sur une Lettre de Mazères Ex-colon français, adressée à M. J.C L. Sismonde de Sismondi, Sur les Noirs et les Blancs la Civilisation de l'Afrique le Royaume d'Hayti*. Cap-Henry: Chez P. Roux, imprimeur du Roi, 1816.
- WARTELLE, Jean-Claude. *La Société d'Anthropologie de Paris de 1859 à 1920*. *Revue d'histoire des sciences humaines*, Villeneuve d'Ascq, n. 10, p. 125-171, 2004.